

Cancro em *Calycophyllum spruceanum* no Estado do Rio de Janeiro

Paulo Sergio Torres Brioso^{1, 2}

¹Laboratório Oficial de Diagnóstico Fitossanitário, Área de Fitopatologia/ Área de Fitopatologia/ IB/ UFRRJ, Caixa Postal 74585, 23851-970, Seropédica, RJ, Brasil. ²Bolsista do CNPq

Autor para correspondência: Paulo Sergio Torres Brioso (brioso@bigghost.com.br)

Data de chegada: 28/06/2011. Aceito para publicação em: 08/02/2012.

1796

O pau mulato [*C. spruceanum* (Benth.) Hook. F. ex K. Schum.] (*Rubiaceae*) pode atingir quando adulta, 15-40 m de altura/ 4-5 m de diâmetro de copa. Nativa da região amazônica, tem crescimento lento e é utilizada em paisagismo urbano, no reflorestamento, na indústria madeireira e para fins medicinais. Tal planta está distribuída na Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru (Almeida, Inf. Téc. Rede Sem. Amazônia 6:1-2, 2004; Lombard *et al.*, Fungal Diversity 31:73-81, 2008). Em aléia adulta da referida árvore, localizada no Jardim Botânico (RJ), foram observadas árvores com cancro no caule, a 1,5 m de altura, calo cicatricial na borda da lesão, seca e morte de ponteiros (Figs. 1A, 1B). Objetivou-se identificar o patógeno a partir de fragmentos de tecido do caule, retirados da área limítrofe da lesão e isolados em BDA sob 12 h luz/ 12 h escuro, a $25 \pm 1^\circ\text{C}$ por 10 dias. O teste de patogenicidade foi realizado por inoculação com disco de micélio de $0,3 \text{ cm}^2$, obtido do bordo de colônias com sete dias de crescimento e inserido em ferimento de mesmo diâmetro no caule com auxílio de saca bocado à altura de 15 cm da base, em mudas com 7 meses em casa de vegetação. Depositou-se algodão saturado de água destilada e esterilizada, sobre o local da inoculação, fixando com fita plástica e cobrindo-se com saco plástico, para a manutenção da umidade. Com as plantas testemunhas, inocularam-se discos com o meio de cultura. Decorridos 19 dias da inoculação, retirou-se a câmara úmida procedendo-se ao reisolamento. Além do pau mulato foram inoculadas, conforme a metodologia mencionada, 3 plantas/ espécie de *Coffea arabica* L., de *Genipa americana* L., de *Gardenia jasminoides* J. Ellis. Aos 19 dias, observaram-se nas plantas inoculadas de pau mulato, calo cicatricial sendo o fungo reisolado do tecido lesionado. Além deste, só se infectou *G. jasminoides*. Em meio de BDA, as colônias fúngicas, aos 10 dias de incubação apresentaram aspecto cotonoso e coloração rosada no fundo da placa de petri (Fig. 1D). O fungo apresentou conidióforos (fiáldes) com $28 \text{ a } 40 \mu\text{m} \times 4 \text{ a } 6 \mu\text{m}$; do tipo monofiáldes; microconídio oval, hialino com $10 \text{ a } 15 \mu\text{m} \times 3 \text{ a } 5 \mu\text{m}$ produzido em cadeia, macroconídio com $55\text{-}130 \mu\text{m} \times 6\text{-}10 \mu\text{m}$; ausência de clamidosporo, sendo identificado como *Fusarium decemcellulare* Brick [anamorfo de *Albonectria rigidiuscula* (Berk. & Broome) Rossman & Samuels] (Ventura, Rev. An. Pat. Plantas 8:303-338, 2000). Esta espécie fúngica é de origem tropical e tem sido noticiada em espécies de 22 famílias e, pode viver como saprófita, hiperparasita ou como patógeno (Singh & Singh, Mycol. 70(5):1126-1129, 1978; Wadia & Manoharachary, Plant Dis. 64:323-324, 1980; Pimentel *et al.*, Summa Phytop. 13:20, 1987; Amorim *et al.*, Fit. Bras. 18:226-229, 1993; Liberato *et al.*, EMCAPA, 1996; Junqueira *et al.*, Circ. Téc. 16:1-33, 2001; Poletto *et al.*, Ciên. Flor. 16(1):1-10, 2006; Gasparotto *et al.*, Fit. Bras. 31:S37-S38, 2006; Silva *et al.*, Trop. Pl. Pathol. 34:S194,

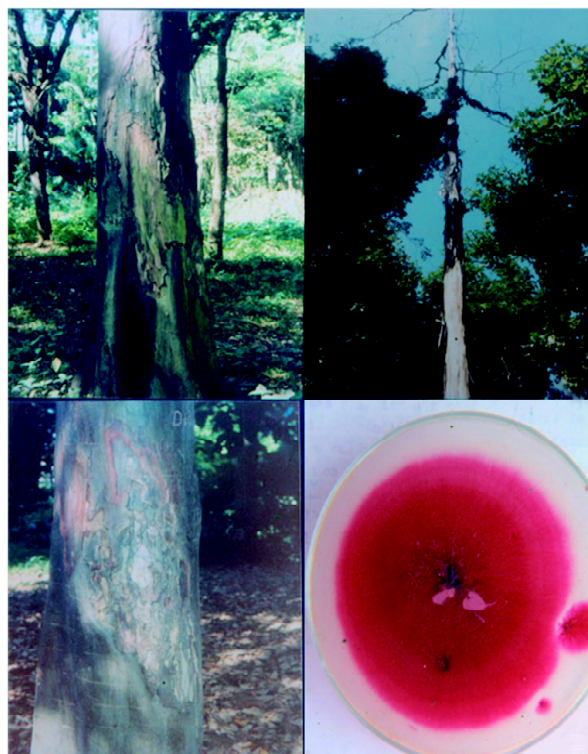


Figura 1. *Fusarium decemcellulare* em *Calycophyllum spruceanum*: A - cancro e calo cicatricial no tronco; B - seca de ponteiros; C - lesões artificiais, feitas com canivete, no tronco (canto direito superior); D - aspecto da colônia fúngica em meio de BDA.

2009). No Brasil, o fungo já foi registrado no AM, DF, ES, PA, PE, RO, RS, SP. Na região amazônica, no Equador, *F. decemcellulare* tem sido associado com cancro em *Cedrelinga cateniformis* (Ducke) Ducke e, no Brasil, tem sido encontrado em plantas de *Paullinia cupana* Kunth em associação com lesões de tripses ou ácaro e alta umidade (Adis *et al.*, Fit. Bras. 10(3):677-679, 1985). A presença do fungo no RJ, em pau mulato, pode ser devida a procedência amazônica da planta, às lesões feitas nas árvores com canivete por visitantes do Jardim Botânico associadas a um período chuvoso (Fig. 1C). Trata-se do primeiro relato deste fungo como fitopatógeno em *C. spruceanum* no mundo.